



**UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas**

**Comunicação Social – Midialogia**

**CS106 – Métodos e Técnicas de Pesquisa e  
Desenvolvimento de Produtos em Midialogia**



**Discente: Tayssa Marques Soares Dutra RA:187356**

**Docente: Prof. Dr. José Armando Valente**

## **O CINEMA DE TERROR NO BRASIL: A BUSCA POR RECONHECIMENTO**

### **RESUMO**

Este artigo teve como objetivo analisar o gênero terror na história do cinema brasileiro, levantando assim quais são as dificuldades apresentadas pelo mesmo para produção de conteúdo e reconhecimento destes, além de estabelecer uma análise quanto ao reconhecimento nacional e exterior. A fim de compreender melhor esses problemas, foi realizada uma pesquisa de caráter documental explicativa, tendo como base referências web gráficas, documentários e filmes. A partir dos resultados obtidos foi possível compreender que o gênero sofre por censura, preconceito, desvalorização e falta de incentivo, o que dificulta a existência de produções voltadas para o terror no Brasil, apesar do grande potencial que o país apresenta para o gênero. Além disso, é destacada a diferença que apresenta em termos de reconhecimento em comparação com produções do exterior. Mas é visto que, apesar das dificuldades, o cenário vem passando por mudanças, e cada vez mais produções voltadas para o gênero vêm surgindo.

**Palavras-chave:** gênero; cinema brasileiro; produções; história;

### **INTRODUÇÃO**

Meu nome é Tayssa Marques Soares Dutra, nasci em Vila Velha, no Espírito Santo e mudei para Jaguariúna, no estado de São Paulo, ainda pequena. Atualmente tenho dezoito anos e estou cursando o 1º semestre de Comunicação Social – Midialogia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em ambos os lugares onde já morei, existe uma forte tradição de contos e lendas, principalmente de teor sobrenatural, dado o processo histórico dos locais. Tal fato fez com que desde criança criasse um interesse em conteúdos voltados para o gênero terror, o que acabou por nortear o tema da minha pesquisa.

O Brasil, ao longo de todo seu território e história, dispõe de vasta gama de tradições sobrenaturais, que se apresentam tanto por folclore, como pelas narrativas tradicionais, ou até por lendas urbanas difundidas oralmente. Tais elementos fazem parte e são muito presentes na cultura brasileira, assim como também na latino-americana, sendo estes frutos de um processo de construção sociocultural. Por muito tempo tem se utilizado de meios artísticos para expressar cultura, tradição e a essência de um lugar, e o cinema, vem sendo usado muitas vezes com esse intuito, criando assim, um meio de representação e estruturação de identidade nacional. Portanto, o que se espera de um país com tal base cultural, são produções que se

apoiem nesta e apresentem um conteúdo diferenciado, livre de influência externa, e que enalteça as produções nacionais. Entretanto, o cenário que observamos é completamente contraditório. Filmes voltados para o gênero terror fazem parte da minoria se compararmos com produções de outros gêneros como comédia e drama, o que demonstra que essa cultura não se estende até as telas do cinema. Mas por que isso acontece?

A fim de compreender um pouco melhor o tema, é interessante primeiramente, definir o gênero de terror e como ele se aplica. De acordo com o site Wikipédia, pode ser descrito como:

Terror ou Horror é um gênero literário, cinematográfico ou musical, que está sempre muito ligado à fantasia e à ficção especulativa, e é criado com intuito de causar medo, aterrorizar. Também pode ser verificado na pintura, no desenho, na gravura e fotografia. A abstrata ideia de terror ou o ato de transmitir o sentimento de terror ou horror pode ser verificado em todas as formas de arte. (WIKIPÉDIA, 2016, p.1)

Apenas com essa definição, a ideia sobre o gênero terror pode se manter ainda abstrata. O que é algo natural, afinal é difícil permear o que se categoriza como uma produção voltada para o gênero, pois o mesmo está ligado a fantasia, permitindo que sejam criadas as mais diversas variações. No artigo redigido por Laura Cánepa, observa-se uma análise do terror quanto aos mais diferentes pontos de vista:

Em meio a tantas questões que apontam para caminhos tão diferentes, acaba sendo uma tarefa árdua estabelecer uma definição de horror cinematográfico, ainda mais quando se vai tratar de uma cinematografia como a brasileira, na qual a questão do gênero é tão problemática. Mas, se é possível encontrar um denominador comum ao gênero, ele pode se basear na reunião dos seguintes critérios: do ponto de vista temático/estrutural, apresentam histórias nas quais elementos monstruosos e/ou inexplicáveis racionalmente causam perplexidade e medo aos personagens da ficção; do ponto de vista visual e iconográfico, são filmes que utilizam imagens violentas e ao mesmo tempo misteriosas, tematizando a imprevisibilidade, o corpo violentado, a monstruosidade e/ou os elementos grotescos e escatológicos; finalmente, do ponto de vista industrial e comercial, obras que se ligam a efeitos como o medo, o choque causado pelas imagens de violência, o susto, o imponderável ou o sobrenatural como fontes de ameaça. (CÁNEPA, 2012, p.1)

Tendo definido o gênero terror, seguimos para o modo pelo qual ele se apresenta. O meio escolhido como foco para esse artigo é o audiovisual (mais especificamente o cinema), pois é onde julgo apresentar melhores efeitos, utilizando dos aspectos visuais e sonoros para criar uma ligação com o espectador. Mais do que fixar uma imagem e reproduzi-la, tem a capacidade de transportar quem estiver assistindo para a história e transmitir sensações de horror, que vem dos personagens da ficção e chega até os espectadores dessas obras. Os filmes de terror costumam criar forte ligação física e psicológica com os espectadores, o que torna o gênero popular, e por isso não é difícil entender o porquê de estarem sempre entre os mais assistidos no cenário internacional, e com maior repercussão. Em vista disso é natural que se intensifique a dúvida do por que de não se destacar tanto no Brasil.

Fazendo uma breve análise da história e evolução do cinema de terror no Brasil, não é fácil encontrar produções de grande sucesso, nem ao menos diretores conhecidos. José Mojica Marins foi um dos poucos a se destacar no gênero, com personagens memoráveis como o “Zé do caixão”, e se mantendo por muito tempo o representante do terror no Brasil. Podemos encontrar na ideologia presente nos movimentos vigentes do século XX uma plausível explicação para as barreiras levantadas contra a instalação do gênero no país. Em meados do século XX, a visão modernista que permeava o cinema brasileiro, tinha como objetivo a

criação de uma identidade própria para o país, e por tanto, contra o cinema de gênero<sup>1</sup>. Tal aversão a produções com influência externa se dava por querer que se criassem obras genuinamente brasileiras, enaltecendo o país com grandes nomes. Essa visão fez com que ignorassem a cultura sobrenatural do país, pois a mesma se encaixa no gênero terror, levando a produções do cinema de gênero. Com isso, não havia incentivo a criações do tipo, além de historiadores e críticos, que ainda seguem essa visão, cultivassem um preconceito com esse tipo de produção.

Em contrapartida, no exterior, o medo tomava conta das telas do cinema e fazia grande sucesso. Cada vez mais se incentivava produções voltadas para esse tema e nasciam os considerados grandes clássicos, com seus diretores prestigiados até os dias de hoje. São muitos os exemplos: O exorcista (O EXORCISTA, 1973), O Massacre da Serra Elétrica (O MASSACRE... 1974), A Hora do Pesadelo (A HORA... 1984), entre outros.

Atualmente o panorama nacional vem vagarosamente apresentando algumas mudanças. Muitos diretores começaram a apostar no gênero, a exemplo de Rodrigo Aragão, que vem sendo uma referencia nacional e comparado com o próprio Mojica. Entretanto, mesmo com o aumento de produções voltadas para o terror, o resultado deixa a desejar nas bilheterias. As dificuldades do gênero no país ainda são significantes, e os diretores passam por cada vez mais obstáculos para concluir suas obras. Rodrigo Aragão faz uma síntese da problematização ainda encontrada em produções voltadas para o terror, no texto de Alessandro Gianinni, publicado no site *O globo*:

As dificuldades do “terror brasileiro” passam pelo preconceito da máquina do cinema nacional, que envolve a desconfiança de jurados das leis de incentivo, distribuidores e exibidores. A maioria das empresas não quer ligar sua marca a um filme desse gênero (...) (ARAGÃO, 2015, apud GIANINNI, 2015, p.1)

É perceptível pela fala de Rodrigo, que por mais que mudanças venham sendo feitas para que o gênero se adeque ao país, as dificuldades ainda estão presentes. Portanto, cabe analisar como o gênero é visto e reconhecido no cinema brasileiro, tentando responder as seguintes questões: porque parece não existir tanta produção voltada para o terror no Brasil? E porque o mesmo parece ter mais dificuldade de se desenvolver por aqui do que no exterior?

## **METODOLOGIA**

A pesquisa realizada foi de caráter documental explicativo. Inicialmente, me introduzi ao assunto lendo alguns artigos e assistindo vídeos voltados para o tema. Iniciei uma busca por conteúdo, o que foi uma parte bem trabalhosa, pois não há muita pesquisa voltada para o assunto específico que queria pesquisar. Percebi também que não havia muitos trabalhos acadêmicos ou textos cujo conteúdo tivesse passado por algum tratamento analítico, por isso optei por fazer uma pesquisa documental ao invés de bibliográfica.

Um dos problemas iniciais se mostrou ao princípio da estruturação desse artigo. Quando estabeleci meu projeto de pesquisa, meu repertório sobre o gênero de terror no Brasil ainda era muito vago e escasso, e um dos meus maiores erros foi julgar ser suficiente. Com as pesquisas e leituras que fiz, pude obter mais informações essenciais para o artigo, e perceber que algumas das colocações que fiz no Projeto estavam erradas. Prossegui então fazendo as

---

<sup>1</sup> Produções cinematográficas voltadas para um gênero específico, habitualmente associado à ideia de consumo massivo.

devidas alterações, portanto, principalmente a introdução e o objetivo acabaram por destoar do Projeto de Pesquisa para o Artigo Científico.

Uma vez com o material separado, iniciei uma análise sobre a história e evolução do gênero terror no Brasil. Foi necessário também, para fins de comparação, pesquisar sobre como o gênero era visto no exterior, paralelamente ao período que estudava no Brasil. Essa pesquisa foi feita inteiramente por referências web gráficas. Para poder criar uma ponte entre a atual situação e o antigo panorama, e ver se havia apresentado mudanças, pesquisei também sobre o atual cenário cinematográfico brasileiro. Principalmente através de sites de notícias, levantei as informações necessárias e que acabaram por surpreender e mudar um pouco a ideia inicial da pesquisa. Havia separado alguns artigos que propus para leitura, mas acabaram se mostrando não tão importantes para a pesquisa, então os substituí por outros, como “Como pensar o horror no cinema brasileiro?” (CÁNEPA, 2012) e “Especialistas discutem dificuldade de emplacar filmes de terror e suspense nacionais no Brasil” (GIANINI, 2015).

Tendo em vista que não poderia falar do gênero e analisar sua evolução sem assistir aos filmes propriamente ditos, separei alguns deles, cada um de um período, para que pudesse, visualmente, notar detalhes que pudessem ajudar a explicar os fatos que estava estudando. Os filmes selecionados foram: À Meia-Noite Levarei Sua Alma (À MEIA-NOITE... 1964), Manguê Negro (MANGUE... 2008) e Porto dos Mortos (PORTO... 2010). No fim da pesquisa a análise dos mesmos se mostrou valiosa, mas apenas assisti-los não bastou. Foi necessária uma breve pesquisa sobre o contexto da época que foi produzido, que fossem levantadas algumas informações dos bastidores como quais eram as dificuldades de filmagem, e posteriormente, como era o reconhecimento dessas obras. Fatores como o orçamento de produção foram umas das informações que mais impressionaram durante a pesquisa.

Ao fim de todo o estudo feito até então, pude atingir o objetivo proposto nesse artigo: analisar o gênero de terror no cinema brasileiro, identificando as barreiras encontradas para produção e reconhecimento do mesmo, em comparação com outros gêneros, além de estabelecer uma análise quanto ao reconhecimento nacional e exterior.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

Os resultados encontrados para essa pesquisa se dividem principalmente nas respostas de duas perguntas: primeiramente a explicação do porque parece não existir tanta produção voltada para o terror no Brasil, e em segundo lugar o porquê do mesmo parece ter mais dificuldade de se desenvolver por aqui do que no exterior.

Para a demonstração de tais resultados irei me embasar principalmente nas entrevistas do documentário “Horror no Cinema Nacional” (HORROR... 2016), e em materiais como “Como pensar o horror no cinema brasileiro?” (CÁNEPA, 2012) e “Especialistas discutem dificuldade de emplacar filmes de terror e suspense nacionais no Brasil” (GIANINI, 2015).

### **A produção de Terror no cinema brasileiro**

Busquei através de minha pesquisa, descobrir o motivo pelo qual parece não existir tantas produções voltadas para o terror no Brasil. Ao longo de muitas leituras descobri que existem sim muitas produções, inclusive em andamento, mas não tem a repercussão necessária. Então minha busca passou a ser outra: quais seriam os motivos do gênero não emplacar por aqui? E foi principalmente analisando a vida e produções de José Mojica Marins

que acabei encontrando a resposta. Além, é claro, de demais opiniões de outros diretores e cineastas, como Rodrigo Aragão por exemplo.

Em 1964 era exibido o que ficou conhecido como primeiro longa metragem do gênero terror no Brasil: “A meia noite levarei sua alma”, do grande cineasta José Mojica Marins (À MEIA-NOITE... 1964). Hoje a maior parte da população conhece ou já ouviu falar de Mojica, e de seu mais conhecido personagem, o Zé do Caixão. Além disso, ele é um dos poucos que conseguiu reconhecimento dentro do gênero terror no Brasil, de um modo que é realidade para muitos que produziram e que produzem obras do gênero no país. A criação de seu primeiro longa foi marcada por imprevistos, improvisos e limitações financeiras, contando com a atuação de alunos de sua escola de atores além de um cenário improvisado construído a custo de móveis emprestados e papelão. Deve se considerar ainda a dificuldade de produção de efeitos naquela época, pois ainda não se contava com o advento da edição por meio digital, que permitiria um acabamento final mais elaborado a obra. E é assim, entre alguns cambaleios e passos em falsos que se iniciavam as produções de terror no Brasil.

Após a análise dos filmes: A meia noite levarei sua alma (À MEIA-NOITE... 1964), Manguê Negro (MANGUE... 2008) e Porto dos Mortos (PORTO... 2010), além da leitura de artigos e demais pesquisas sobre a produção dessas obras, pude enfim constatar as principais barreiras para produção do gênero terror no país.

- Preconceito, censura e desvalorização

O terror como gênero muitas vezes envolve temas considerados tabus: sexo, religião, drogas e violência explícita. Um exemplo desses tabus é a cena de “A meia noite levarei sua alma” (À MEIA-NOITE... 1964), onde o personagem Zé do Caixão come um pedaço de carneiro em plena sexta-feira santa, o que foi considerado por muitos críticos uma afronta religiosa, fazendo com que não fosse exibido em alguns lugares.

Por envolver essas temáticas, o gênero costuma ser amplamente desvalorizado e rebaixado, sendo visto como algo fácil de ser produzido, e sempre a custo de improvisos. Como muitas produções vêm do cinema independente<sup>2</sup>, são erroneamente vistas como amadoras, e o gênero acaba por ser visto desse modo generalizado. Além de tudo sofre o preconceito de ser uma produção nacional, preconceito este que é comentado por Liz Vamp no documentário “Horror no Cinema Nacional” (HORROR... 2016):

Por que que, o que vêm do exterior, é...o cinema de terror do exterior, não sofre preconceito, e as empresas colocam facilmente a marca delas nessas obras, né? Porque é gringo, por que é de fora! E por que brasileiro ainda tem “complexo de vira-lata”. Simples assim. (HORROR... 2016, 20:07)

Muitas vezes os próprios brasileiros acabam criando um preconceito com produções nacionais, julgando serem inferiores às do exterior, além de que esse preconceito é muito forte no gênero de terror no Brasil. O melhor exemplo prático disso é a comparação: basta verificar a bilheteria de filmes de terror estrangeiros e os nacionais no país. Os filmes de terror do exterior batem recordes de bilheteria por aqui, enquanto os nacionais muitas vezes acabam em prejuízo.

---

<sup>2</sup> Cinema underground, independente ou alternativo são classificações que têm basicamente o mesmo significado e se aplicam aos filmes feitos e distribuídos à margem dos esquemas comerciais da indústria cinematográfica. Geralmente esses filmes são uma expressão artística de um realizador que deseja ter grande liberdade para definir a forma narrativa, as técnicas e o conteúdo da trama fora dos padrões da indústria de entretenimento que visam a alcançar grandes audiências.

Além desses motivos, ideias que se propagaram em certos períodos acabam por influenciar até os dias de hoje no modo como o gênero é visto. No caso do terror, os movimentos do século XX de ideais modernistas e a Ditadura Militar de 1964 seriam onde o gênero sofreria maior censura e preconceito.

Tendo em vista a criação de um cinema exclusivamente nacional, que enaltecesse o país em termos de grandes nomes do cinema, e apresentasse fortes críticas sociais, o cinema de gênero acabou sendo visto como de baixo status cultural, e excluído muitas vezes da historiografia do cinema brasileiro. A Ditadura Militar atuou como mais um fator que dificultou a produção de terror, devido a forte censura. Em vista disso, o terror que apresenta conteúdos “diferenciados”, acabou por ser reprimido.

- Falta de incentivo

Boa parte dos filmes nacionais produzidos hoje em dia são financiados inteiramente, ou ao menos em parte, através de leis de incentivo à cultura ou editais. Porém, esse sistema é complicado para se seguir em produções voltadas para o terror, afinal, o financiamento é averiguado através de um edital, que deve conter uma boa justificativa para o incentivo. O processo de justificativa do edital e as dificuldades apresentadas para realização do mesmo são comentados por Kapel Furman no documentário *Horror no Cinema Nacional* (HORROR... 2016):

Você tem que justificar o filme, a razão dele existir, de forma sócio-política forçada. Então para participar de um edital você não pode falar assim, esse filme é legal, ele é divertido, o pessoal vai curtir, ou contar uma história bacana. Você tem que ter uma justificativa, que é o que aparece em todo edital. Mais do que o roteiro, a justificativa conta. (HORROR... 2016, 15:37)

Sem poder depender de incentivos do governo, muitos apelam para as instituições privadas, e encontram outro obstáculo: a maioria delas não quer vincular seu nome ao gênero, ou a produções nacionais. O motivo seria os temas que permeiam o gênero, diversos deles tabus, e que trariam uma visão “negativa” para a empresa e seus produtos.

Ainda sem sucesso, pelos métodos citados anteriormente, e em busca de concretizarem suas obras, os esperançosos diretores e cineastas procuram como solução uma terceira opção: a arrecadação por doação ou investidores particulares. Como exemplo de tal situação, temos o longa de terror brasileiro "O Diabo Mora Aqui" (O DIABO... 2015):

"Nós temos esse modelo de financiamento através de edital no Brasil e acho que o mercado cinematográfico acabou ficando dependente dele. O problema do edital ou lei de incentivo é que você está sendo julgado por alguém, seja o diretor de marketing de uma empresa ou analista da Ancine. Nós não queríamos ter essa dependência, portanto resolvemos encarar o filme como se fosse uma startup, levantando dinheiro com investidores particulares, alguns deles internacionais". (IZIDORO, 2015, apud SOLARI, 2015, p.1)

Deste modo, apesar de o financiamento ser uma das maiores barreiras da instalação e efetivação do gênero de terror no Brasil, diretores e cineastas vem procurando diversas maneiras alternativas de produzir mais, com maior qualidade e com os menores gastos possíveis, o que faz com que possamos ver o futuro do gênero no país com bons olhos, como diz Rodrigo Aragão, na entrevista com o site “O Globo”:

“Apesar de tudo isso, vejo o futuro com bons olhos. Novos diretores, talentosos, têm produzido filmes cada vez melhores e com maior frequência, muitas vezes com orçamentos que beiram o ridículo. Inevitavelmente a máquina vai ter que nos

engolir, pois nossos monstros serão cada vez maiores e mais assustadores e, como num bom filme de terror, eles vieram para ficar” (ARAGÃO, 2015, apud GIANINNI, 2015, p.1).

Por tanto, como conclusão para essa análise do cenário de produção cinematográfica voltada para o terror no Brasil, notamos que sempre existiram e permanecem até hoje fortes barreiras contrárias à instalação do gênero no país. Mas a situação vem mudando, as barreiras vêm sendo contornadas, e o terror está cada vez mais presente, e conquistando mais espaço, por mais que as dificuldades ainda estejam muito presentes.

### **Produções nacionais X produções internacionais**

O porquê de ser mais fácil produzir conteúdo de terror no exterior que no Brasil é uma questão bem complexa de ser analisada. Afinal, envolve processos históricos de lugares diferentes e movimentos vigentes que influenciaram e influenciam a visão de críticos e historiadores.

Um ponto interessante de se analisar é quando começaram as produções voltadas para o gênero em cada lugar. No exterior, por exemplo, logo com a criação do cinema já se criava o tido por muitos como primeiro filme de terror, por Georges Méliès, em 1896: “A mansão do diabo” (A MANSÃO... 1896). Já no Brasil, como já dito anteriormente, o cinema de terror foi inaugurado por José Mojica Marins, em 1964 com “A meia noite levarei sua alma” (À MEIA-NOITE... 1964). Esse intervalo de tempo que a produção de terror do exterior teve em vantagem da brasileira, permitiu que ganhassem experiência, e criassem um padrão para o cinema do gênero que seria seguido por muitos e influenciaria diversas obras. Além de todas as barreiras criadas no Brasil para o cinema de gênero no século XX, e outros acontecimentos como o da Ditadura Militar de 1964, que dificultaram a produção nacional voltada para o terror.

Outro ponto que pode ser destacado seria os empecilhos já comentados anteriormente que são a maior dificuldade do terror no país: falta de incentivo, a censura, o preconceito e a desvalorização. As consequências acarretadas seriam que o Brasil não consegue criar uma indústria de cinema, já que os filmes são em maioria financiados por editais, ou não consegue gerar lucros suficientes, não são produzidas muitas continuações, assim, não há indústria. E sem indústria, não há como “competir” com as produções internacionais.

Então, qual seria a saída para o cinema de terror no nacional? O Brasil, assim como toda a América Latina, apresenta uma construção sociocultural que permitiu que uma vasta gama de tradições, contos e lendas fossem criadas. Todo esse conteúdo cria um grande potencial para o terror no país, e o melhor de tudo, um terror diferenciado, com teor nacional. O que falta é o aproveitamento dessa cultura, e que os diretores e cineastas vejam nisso oportunidade para criação de suas obras, enriquecendo não só o cinema nacional, como o internacional também. A busca pelo cinema de terror nacional é comentada pela autora Laura Cánepa, em seu artigo “Como pensar o horror no cinema brasileiro?” (CÁNEPA, 2012):

Assim, no caso de um cinema de gênero horror brasileiro, uma abordagem das práticas de apropriação de referências, clichês e fórmulas do cinema internacional e dos aspectos regionais é mais frutífera do que a busca de filmes que sigam cartilhas simples – embora esses também existam. O que se deseja, então, é precisamente discutir a possibilidade de, a despeito de todas as dificuldades e interrupções, se falar em um cinema de horror brasileiro com traços característicos. (CÁNEPA, 2012, p.1)

Logo, mais do que copiar formulas e clichês, temos que nos apropriar de nosso próprio estilo de terror, criando nossos próprios monstros, e nossas próprias histórias. Afinal, o cinema internacional atualmente vive uma era escassa para novas ideias quanto ao terror, sobrevivendo à custa de *remakes* dos grandes clássicos, portanto, visões inovadoras serão de grande impacto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as informações reunidas, através de pesquisa e análise de filmes e documentários, creio ter conseguido atingir os objetivos propostos nesse artigo. Com tal finalidade, respondi as perguntas levantadas, deduzindo assim quais seriam as barreiras que se apresentam para a produção do terror no país, e apresentando o porquê de parecer não existir tanta produção voltada para o terror no Brasil, após isso desenvolvendo uma análise dos motivos pelos quais o gênero parece ter mais dificuldade de se desenvolver por aqui do que no exterior. Foi possível notar, através desse estudo, o potencial que apresenta o país em termos culturais para produções voltadas para o gênero de terror, pois o mesmo dispõe de muitos contos e lendas, que são materiais em sua maioria de teor sobrenatural.

Ademais, pude tirar como conclusão que apesar das muitas dificuldades pelas quais passam o terror no Brasil, o futuro pode ser visto otimismo, afinal, muitos diretores e cineastas vêm se empenhando em produzir cada vez mais, com a melhor qualidade possível, e ultrapassando as barreiras financeiras.

Quanto ao processo de desenvolvimento do artigo, este passou por algumas modificações. A pesquisa que havia primeiramente idealizado e o resultado final destoam em algumas partes. Tal fato se deu por eu não apresentava um repertório tão grande sobre o assunto quanto eu julgava ter, por isso, fiz algumas constatações precipitadas, o que acarretou em um objetivo vago e não tão bem elaborado. Portanto, nesse artigo corriji os erros da pesquisa inicial, e por esse motivo os objetivos destoam. Caso houvesse mais tempo, buscaria estender mais o assunto, tornando-o mais elaborado, e falando um pouco mais de como o gênero de terror pode ser visto como uma crítica social, pois o mesmo apresenta diversos aspectos psicológicos que geram as mais diversas interpretações. Outro assunto interessante de ser abordado seria a representatividade do gênero em outras áreas como a música, o teatro, a literatura ou as artes visuais.

## REFERÊNCIAS

A HORA do Pesadelo. Direção de Wes Craven. Produção de Robert Shaye. Roteiro: Wes Craven. S.i.: New Line Cinema, 1984. Son., color. Legendado.

ALMEIDA, Carlos Heli de. A hora do terror no cinema brasileiro. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/a-hora-do-terror-no-cinema-brasileiro-11409253>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

A MANSÃO do diabo. Direção de Georges Méliès. Produção de Georges Méliès. Roteiro: Georges Méliès. S.i.: S.i., 1896. P&B.



À MEIA-NOITE Levarei Sua Alma. Direção de José Mojica Marins. Produção de Geraldo Martins, Ilídio Martins, Arildo Iruam. Roteiro: José Mojica Marins. S.i.: Cinematográfica Apolo, 1964. Son., P&B.

CÁNEPA, Laura. **COMO PENSAR O HORROR NO CINEMA BRASILEIRO?** 2012. Disponível em: <<http://www.portalbrasileirodecinema.com.br/horror/ensaio-como-pensar-o-horror-no-cinema-brasileiro-laura-canepa.php?indice=ensaios>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

FRANÇA, Prof. Dr. Júlio. **O horror na ficção literária: Reflexão sobre o "horrível" como uma categoria estética.** 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/JULIO\\_FRANCA.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/077/JULIO_FRANCA.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2016.

GIANINNI, Alessandro. Especialistas discutem dificuldade de emplacar filmes de terror e suspense nacionais no Brasil. 2015. **O globo.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/especialistas-discutem-dificuldade-de-emplacar-filmes-de-terror-suspense-nacionais-no-brasil-16831357>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

HORROR no Cinema Nacional | Documentário. Produção de Scream Tv. S.i., 2016. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i9FxjtzRPY8>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

MANGUE Negro. Direção de Rodrigo Aragão. Roteiro: Rodrigo Aragão. Brasil: S.i., 2008. Son., color.

MONTEIRO, Filipe. **Sangue na tela.** 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/sangue-na-tela>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

O DIABO Mora Aqui. Direção de Rodrigo Gasparini, Dante Vescio. Roteiro: Guilherme Aranha, Rafael Baliú, M.m. Izidoro. S.i.: S.i., 2015. Color. Legendado.

O EXORCISTA. Direção de William Friedkin. Produção de William Peter Blatty, Noel Marshall. Roteiro: William Peter Blatty. S.i.: Warner Bros. Pictures, 1973. Son., color. Legendado.

O MASSACRE da Serra Elétrica. Direção de Tobe Hooper. Produção de Kim Henkel, Tobe Hooper, Jay Parsley, Richard Saenz. Roteiro: Kim Henkel e Tobe Hooper. S.i.: Bryanston Pictures, 1974. Son., color. Legendado.

PORTO dos Mortos. Direção de Davi de Oliveira Pinheiro. Roteiro: Davi de Oliveira Pinheiro. Brasil: S.i., 2010. Son., color. Legendado.

SOLARI, Guilherme. **Sem lei de incentivo, terror nacional arrecada R\$ 250 mil e vai a festivais.** 2015. Disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2015/10/15/sem-leis-de-incentivo-terror-nacional-arrecada-r250-mil-e-vai-a-festivais.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

WIKIPÉDIA. **Terror** (gênero). Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Terror\\_\(gênero\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terror_(gênero))>. Acesso em: 01 abr. 2016.

## **BIBLIOGRAFIA**

SANTOS, Robson Souza dos; COSTA, Felipe da. **Cinema Brasileiro e Identidade Nacional: análise dos primeiros anos do século XXI**. Disponível em:  
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-robson-cinema2.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

SIMONSEN, R. Roberto. **TCC, Monografias e Artigos**. Disponível em:  
<<http://www.tccmonografiaseartigos.com.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2016.